

Ínfimo

LAURA ELIZIA HAUBERT

intransitiva
• revista

HERANÇAS QUE RECEBEMOS, LEGADOS QUE DEIXAMOS (V. 5, N. 2, 2021)

Ínfimo

Laura Elizia Haubert

Memoria

*No tomes muy em serio
lo que te dice la memoria.*

[...]

*Quién te dice que no te está contando ficciones
para alargar la prórroga del fin
y sugerir que todo esto
tuvo al menos algún sentido.*

José Emilio Pachecho,

In: Tarde o temprano, Poemas 1958-2009.

1.

O marido costumava dizer que legado era fabulação de gente rica e que na vida não se pode transmitir nada. Morre-se e pronto. Até os filhos: quem pensa que filho salva do esquecimento estava era muito enganado, filho também morre um dia. Vinha sempre com essa mesma ladainha, às quintas-feiras no final da tarde, depois de beber três copos de cachaça e lembrar, inconsolável, de que não tinha feito muita coisa nessa vida. Os dias tinham transcorrido apressados – tivera filhos, mulher, amantes, vários trabalhos. E daí?

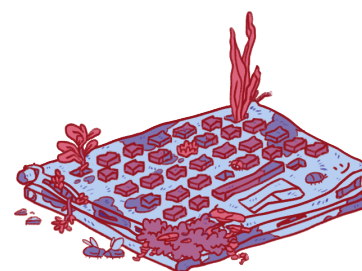
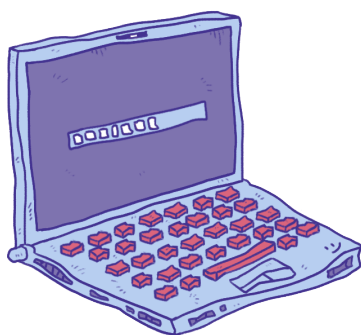
A mulher tinha pavor da conversinha fiada dele. Aqueles pensamentos lhe davam calafrios. Ela não gostava de razoar sobre a morte nem de ver a morte, e só de passar em frente a qualquer cemitério já fazia a cruz e se benzia ao menos duas vezes para garantir não levar a má sorte para casa. E quando alguém falava sobre o assunto ela tratava logo de bater na madeira com seus dedos ossudos. Toc. Toc. Toc.

— Deixa disso José, vai tomar banho que a janta logo fica pronta.

E José, fatigado, com joelhos irritáveis se levantava com dificuldade, uma ofensa quase escapulindo entre os dentes, prestes a dizer que não tinha importância a janta. Comer ou não comer, a miséria ia ser a mesma. Ainda era pobre. Continuaría a ser pobre. Tinha trabalhado a vida inteira para terminar aos sábados contando moedas para comprar sua cachaça. Mas ele conhecia bem a patroa, sabia que sua lamúria a deixava irritadiça e era melhor evitar tal coisa.

A sensação era a de que estava velho. Já não havia nada para remediar sua existência despercebida. Tinha passado todo o tempo trabalhando, preocupado em saber como colocaria comida na mesa, ou quando conseguiria comprar o novo tênis que a Tatá precisava, ou pagar o cursinho de inglês do João e as mensalidades da faculdade. Queria era saber quando poderia não se preocupar com nada, levantar-se ao raiar do dia e esparramar-se pelo sofá. Trocar de canal o dia inteiro. Dedos apertando repetidamente o controle remoto. Ele esperava por esse dia.

Esse dia não era hoje.



2.

Ele soube que a morte estava chegando e, por isso, tratou de ficar bem quieto. Se ficasse parado, como uma criança que brinca de estátua, talvez ela o ignorasse. Se acreditasse o suficiente na vida, talvez ela não o levasse. Porém, por mais que apertasse as pálpebras em silêncio, sentia a presença inefável.

A mulher só ia chegar dali a algumas horas. Que horas eram mesmo? Tinha perdido a noção. Era isso o que acontecia em hospitais. E com os doentes. Perdia-se tão fácil a percepção temporal, ainda mais que não tinha nenhuma janela no espaço, só com a televisão ligada dia e noite no mesmo canal de notícias. Será que aquela era a apresentadora da noite ou da manhã? É que ele não queria morrer de madrugada.

Já tinha desgosto suficiente por ter sido esquecido ainda em vida, pior ainda, morrer de madrugada e ser esquecido de vez. Fechou as pálpebras e lembrou das crianças sorrindo. É, tinha amado os filhos, apesar de estar sempre distante. Tinha chegado a amar Ivete também, embora o que sentisse por ela já se parecesse apenas com carinho.

Nunca conseguiu fazer aquela viagem que queria para Fernando de Noronha, o dinheiro sempre curto, e as crianças precisando de coisas, e depois a Fabiana que se intrometeu na vida dele e tirou dinheiro e reacendeu o desejo e quase destruiu a família, mas ele achava que tinha valido a pena. Também se lembrou dos próprios pais, dos irmãos, de uma vida que agora parecia mais um filme de tão distante que ficava na sua mente.

Sentia ainda a presença. Respirou profundo e continuou remexendo suas memórias. Queria ter tido tempo de ter dito umas verdades para algumas pessoas, ou de terminar de pagar as prestações do último empréstimo, ou de pelo menos ter sentido que aquilo tudo tinha valido a pena. Será que tinha? Será que ele podia ficar contente e romantizar o pouco, tão pouco que teve?

Queria ter ido à Disney em Paris, não nos Estados Unidos. Queria ter conseguido sua casa própria e ter deixado algo de herança, nem que fossem

umas moedas para os netos. Para eles se lembrarem, uma joia que poderiam guardar e passar de geração em geração. Algum dia diriam: isto pertenceu a meu bisavô. E, desse jeito, ele ainda viveria.

O problema é que não tinha dinheiro para essa bobagem. Resfolegou. Os pacientes do lado começaram a fazer ruídos, podia escutar alguém chorando perto da sua cama. Os enfermeiros passavam, o cheiro tão típico de hospitais, a luz branca nas paredes brancas em um dia, infelizmente, branco.

Teria de se contentar com o fato de que tinha amado e tinha sobrevivido, dia após dia. E tinha continuado mesmo quando ninguém acreditava nele. Tinha vivido contra as possibilidades, tinha vivido a despeito de sua própria descrença em si. Tinha vivido, mas não sabia se isso significava algo. Teria de se resignar com as lembranças agradáveis, ainda que escassas. Os recitais da escola das meninas, as cervejinhas no final do sábado com os colegas da construção. E os natais – ele adorava os natais –, a comida abundante, as luzes piscando e o calor escorrendo pelo corpo. Tantas coisas que esperava que tivessem sentido.

No leito hospitalar ainda sentia a presença da morte sem que, por fim, terminasse de morrer.

3.

O fim estava chegando, o fim chegou. Tão eficaz quanto um raio. Pronto. Morto. Ainda quente, o sangue circulando, os pelos por todo o corpo continuariam a crescer, assim como as unhas e as orelhas. Só os sonhos que não cresceriam mais. Também não cresceriam as desesperanças e as mágoas. Tampouco cresceria a derrota.

Morto, foi assim que a mulher o encontrou quando chegou. Abraçou-o chorando enquanto gritava por uma enfermeira, que calmamente vinha pelo corredor. Ela não concebia que ele tivesse morrido, era tão duro, não tinha queda que lhe tirasse o ânimo para a vida. Ainda que nem sempre fosse feliz, era ele que ela tinha escolhido, que tinha suportado todos aqueles anos.

Não tinha ideia do tamanho da dor que eclodia por dentro. Sozinha.

Escutando as vozes dos médicos teve de soltar o corpo velho amado, morto. Ele que tinha tanto medo de não ser lembrado, ele que não acreditava em herança, tinha deixado filhos, e um bocado de coisas. Um bocado de histórias. Agarrou o telefone trêmula para contar à filha, precisava chamar alguém. Precisava falar sobre ele. Precisava dizer a todos que ele tinha tentado. Lembrá-lo, é isso que faria.

Chorar e recordá-lo era a única coisa capaz de sustentar ainda aquela vida passada.

Sobre a autora

Doutoranda em Filosofia na Universidad Nacional de Córdoba, Argentina. (Bolsista CONICET). Graduada e Mestre em Filosofia pela PUC-SP. Autora dos livros “Sempre o mesmo céu, sempre o mesmo azul” publicado em 2017 pela Editora Patuá, e “Memórias de uma vida pequena” publicado em 2019 pela Quintal Edições.